



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente do Peru, Alan García

Rio Branco-AC, 28 de abril de 2009

Presidente: Agora, antes de vocês fazerem perguntas, [quero] apenas lembrar que em junho, aqui no estado do Acre, nós vamos fazer uma conferência entre Peru e Brasil sobre políticas sociais. Todos os ministros da área social do Peru, todos os ministros da área social do Brasil irão participar de uma conferência para trocarmos ideias, ver as coisas boas que estão acontecendo em cada país, [para que] e possamos, então, estabelecer, nesse intercâmbio, melhoria nas políticas sociais nos dois países.

[Quero] dizer para vocês que esta visita do Alan García aqui ao Acre, na verdade é quase um prosseguimento a uma reunião feita há 23 anos, quando o Alan García, então presidente do Peru, e o presidente Sarney assinaram a Carta de Rio Branco. Depois Alan García deixou o governo do Peru, depois Sarney deixou o governo do Brasil e, possivelmente, muitas das coisas que estiveram na Carta de Rio Branco não aconteceram, até porque nós tivemos muita gente governando os dois países que tinham uma cabeça mais voltada para outra parte do mundo do que para nós.

Se vocês, jornalistas, chegarem na redação onde vocês trabalham, olharem o mapa da América do Sul e virem o Brasil e virem o Peru, vão perceber que nesses 500 anos de existência, tanto o Peru priorizou o seu desenvolvimento pela costa marítima, quanto o Brasil priorizou o seu desenvolvimento pela costa marítima, e as nossas fronteiras ficaram abandonadas durante séculos e séculos.

Nós agora estamos vivendo dois momentos importantes. Eu tive o prazer de inaugurar a primeira ponte Brasil-Bolívia aqui no estado do Acre, na cidade de Brasiléia, e tive o prazer de inaugurar a primeira ponte entre Brasil e



Peru na cidade de Assis Brasil. Isso depois de tantos anos de existência dos dois países. Agora com a *carretera* Interoceânica, com a disposição de fazermos uma integração econômica, social e comercial, com a disposição de fazermos empresas binacionais para construir um processo de integração energética, nós poderemos dar um salto de qualidade extraordinário na relação Brasil-Peru. A gente pode permitir que peruanos e brasileiros, daqui a 20 ou 30 anos, vivam um outro momento histórico nas relações dos dois países, em que não está, de um lado, o Peru olhando para o Norte e, do outro lado, o Brasil olhando para o Norte, e não olharmos para nós mesmos, para as nossas dificuldades e para as nossas possibilidades.

Eu diria que as dificuldades que nós temos, elas foram muito mais pela nossa fraqueza de não termos coragem de ousar e de fazer da integração um processo de construção do desenvolvimento dos nossos países, do que dificuldades concretas. A verdade é que neste momento em que estamos vivendo uma crise econômica que começou nos Estados Unidos e na Europa, a resposta que Peru e Brasil querem dar para essa crise é mais integração, mais compartilhamento de experiências, mais investimentos industriais dos dois países, mais parcerias empresariais entre os dois países. Eu espero que das decisões que nós tomamos aqui hoje, dos protocolos que nós assinamos aqui hoje, quando no final do ano eu for visitar o povo peruano junto com o companheiro Alan García, nós vamos poder sair da fase do protocolo e assinar acordos concretos e tratados para que a integração se transforme em uma coisa muito definitiva e objetiva e não apenas no sonho que nós temos hoje.

Alan García me dizia uma coisa que é importante: o Acre precisa comprar coisas do Peru. Coisas que hoje o Acre compra de São Paulo e, tem coisas do Peru, muito mais próximas de Rio Branco do que São Paulo. E se nós quisermos integração, nós precisamos comprar e vender. Integração não é só vender. É a gente ter uma balança comercial mais ou menos equilibrada, para que a gente possa garantir que os dois países tenham uma oportunidade,



de através de uma boa política comercial, os dois países poderem crescer economicamente, gerar empregos e distribuir renda. Daí porque meus agradecimentos ao presidente Alan García, aos governadores das províncias e aos ministros que vieram aqui, porque não é sempre que a gente consegue fazer uma reunião com tanta gente em um estado tão distante da capital, como é o Acre. Ou seja, normalmente é mais simples fazer em Brasília ou fazer em São Paulo. E a proposta de fazer a reunião no estado do Acre foi do companheiro Alan García, que portanto eu quero parabenizá-lo por isso.

Vamos às perguntas. Perguntas inteligentes para respostas inteligentes.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Veja, com relação ao comércio, o presidente Alan García e eu tomamos a decisão de fazer com que os nossos chanceleres possam se reunir até a próxima reunião, que vamos fazer em Lima, junto com a Receita Federal de cada país, junto com a Polícia Federal de cada país, para que a gente possa desobstruir qualquer obstáculo que esteja impedindo o livre comércio entre Brasil e Peru. Nós esperamos chegar à reunião do final do ano, em Lima, e esse problema estar resolvido.

Com relação aos vãos também. Ou seja, nós ouvimos a reivindicação do povo peruano, a reivindicação do governador do estado do Acre, certamente a reivindicação do governador de Rondônia, do governador do Mato Grosso, de que é plenamente possível a gente começar a discutir e aprofundar que os vãos entre as cidades fronteiriças sejam vãos internos, considerados em cada país, para facilitar também o trânsito de pessoas e o trânsito de produtos.

Quando nós falamos em integração, nós temos que entender uma coisa verdadeira: nós ficamos daqui, da América do Sul, olhando a integração na Europa e ficamos dizendo: como eles evoluíram, como eles fazem as coisas bem feitas. Ou seja, no fundo, no fundo, somente agora, é que nós estamos



tentando consolidar uma concepção de integração aqui na América do Sul. Antes nós nos víamos como inimigos. Nós tínhamos a Guerra Fria, nós tínhamos problemas ideológicos, nós tínhamos muitos grupos querendo fazer luta armada, nós tínhamos muita gente achando que só chegaria ao poder via revolução. Então, todos nós nos trancávamos nas novas fronteiras e começávamos a dizer: “Bom para nós são os Estados Unidos, bom para nós é a União Européia”. Agora, a nossa geração de governantes, nós descobrimos que é bom ter parceria com os Estados Unidos, que é bom ter parceria com a União Européia, que é bom ter parceria com a China e com o Japão, mas é muito melhor nós fortalecermos a nossa parceria, porque quanto mais fortes nós estivermos, mais chances de fazer bons acordos com outros países nós teremos.

Presidente Alan García: (em espanhol)

Jornalista: Boa tarde, presidente Lula, presidente Alan García. (falha na gravação) falou sobre...

Presidente: Fale mais alto, querido.

Jornalista: Alô, alô. Agora, sim. Presidente, o senhor já comentou ontem a recuperação da ministra Dilma, mas hoje nos jornais há uma avaliação de alguns ministros do governo de que a Ministra pode sair fortalecida politicamente depois desse processo, por encarar um obstáculo, ultrapassá-lo, enfim. Eu queria saber se o senhor concorda com essa opinião.

Uma segunda pergunta: sobre a questão das usinas hidrelétricas, se interessa ao Brasil a energia gerada eventualmente por usinas peruanas, se o BNDES pode financiar essas usinas?

Uma terceira questão para o senhor, presidente Lula, e para o



presidente Alan García, sobre o asilo político ao venezuelano Manuel Rosales. Se isso cria ou pode criar algum atrito político com o presidente Hugo Chávez. Eu gostaria que os dois presidentes comentassem essa decisão do senhor, Presidente.

Presidente: Com relação à questão da Dilma, eu, sinceramente, não posso imaginar como alguém sai fortalecido porque diz que teve um câncer. Eu só estou desejando a recuperação da Dilma e, certamente, ela não tem nada mais porque o câncer já foi retirado. Agora é apenas um tratamento preventivo. Graças a Deus.

Com relação ao financiamento do BNDES. Nós temos interesse da nossa Eletrobrás, que é uma empresa segura, com competência tecnológica, com competência financeira, e nós queremos construir parceria com as empresas de energia elétrica do Peru, para que a gente possa construir, conjuntamente, essas hidrelétricas. Portanto, na hora em que nós tivermos construído a hidrelétrica, no tratado, certamente, nós vamos [fazer] constar que quando o Peru... que pode, cada país, utilizar uma quantidade de energia, mas o mais importante é que se tivermos linhas de transmissão, um país pode suprir o outro por ocasião da falta de energia. As épocas de chuva são diferentes entre várias partes do Brasil e os Andes, e o que nós poderemos fazer é nos ajudar mutuamente. Eu não tenho dúvida nenhuma de que, não apenas o BNDES e o governo desejam, mas sobretudo a Eletrobrás, que vai participar da construção dos projetos junto com as empresas peruanas que irão ter esse financiamento, para a gente construir essa integração energética que é crucial e fundamental para o desenvolvimento dos nossos países.

Presidente Alan García: (em espanhol)

Jornalista: Presidente Alan García, Presidente Lula, em maio, nos últimos dias



de maio, nós revelamos ao mundo imagens que foram impactantes e foram veiculadas em todas as mídias do mundo inteiro, aquelas imagens, os senhores também devem ter visto, dos índios isolados (incompreensível), atirando as suas flechas contra um monomotor de um sertanista da Funai, que presenciou a resistência deles em fuga para o território brasileiro.

Os senhores pensam em construir hidrelétricas em uma das regiões mais delicadas do Planeta, de maior biodiversidade do Planeta, onde nascem os tributários, os principais e o rio Amazonas. Eu gostaria de saber dos senhores qual é o compromisso que os senhores têm com a vida, com esses povos que resistem há mais de 500 anos e que não têm diplomatas em nome deles, não têm governos, não têm ninguém para defendê-los. Eu queria saber dos senhores o compromisso em relação à vida, à biodiversidade e a essa segurança ambiental.

Presidente: Primeiro, esses cidadãos, se estão no Peru são peruanos, se estão no Brasil são brasileiros. E nós precisamos cuidar deles com o carinho que precisamos cuidar, para que eles se mantenham vivendo a sua cultura, vivendo de forma saudável. Nós não somos irresponsáveis a ponto de não sabermos as regras estabelecidas, tanto na Constituição peruana quanto na Constituição brasileira, para que a gente possa, ao discutir um projeto econômico, um projeto de desenvolvimento, discutir a viabilidade ambiental daquele projeto junto com a viabilidade econômica. Nós temos tradição no Brasil, e eu tenho a convicção de que se decidirmos fazer as hidrelétricas porque há, ambientalmente, segurança para fazermos, nós vamos cuidar, não apenas de manter o máximo possível de floresta em pé. Vamos manter o que tiver possibilidade de desenvolvimento, porque hoje também nós não discutimos mais a Amazônia como se quer que a gente discuta, ou seja, transformar a Amazônia num santuário da humanidade e permitir que as pessoas que moram na Amazônia continuem pobres e miseráveis. Nós nem



queremos a teoria de que a Amazônia é um santuário da humanidade e nem queremos a teoria de que é preciso desmatar tudo para poder ter progresso.

Então, nós queremos encontrar o caminho do meio e, por isso, nós lançamos o programa Amazônia Sustentável, que leva em conta a convivência dos povos da floresta, que leva em conta o desenvolvimento, inclusive de indústrias de madeira com madeira certificada, que haja o manejo correto da floresta, para que a gente possa desenvolver os nossos países.

Eu, ontem, acabei de participar de uma reunião em Manaus, com todos os governadores. Eu conheço [conheci] o projeto do modelo Hidrelétrica Plataforma, que me foi apresentado pela Eletrobrás. Eu acho que é uma revolução na construção de hidrelétricas no mundo e, sobretudo, na nossa América do Sul, porque vai funcionar como se fosse uma plataforma da Petrobras. Ao fazer a obra, você [re]floresta tudo novamente, e as pessoas, para irem trabalhar, vão como hoje vão os trabalhadores de uma plataforma da Petrobras: são levados e, em volta, não fica ninguém.

O lago dessas represas é apenas a cheia dos rios. Estuda-se o limite da maior cheia do rio e é o máximo que se permite reservar a água. Nós temos essa proposta, temos esse projeto, e nós achamos que esse projeto é uma revolução para a construção de hidrelétricas na região Amazônica. Brevemente, nós estaremos fazendo licitações de algumas, aqui no Brasil. Obviamente, com a licença ambiental, com o cumprimento das regras todas, porque hoje não se admite mais a gente fazer qualquer coisa que não leve em conta a preservação dos povos da floresta. Segundo, a manutenção dos povos originários que já estão lá. Terceiro, do povo, mesmo que seja em um lugar mais (incompreensível), dos agricultores que estão lá. Quarto, que isso deve servir de exemplo para um bom modelo de desenvolvimento.

Eu tenho a convicção de que todos nós aprendemos, e tenho a convicção de que Peru e Brasil, na construção dessas hidrelétricas, poderão dar o exemplo de que é possível você manter os índios na sua região, vivendo



a sua cultura e, ao mesmo tempo, nós temos que trabalhar para que do resultado da construção de uma hidrelétrica, você possa levar benefícios concretos para as pessoas que lá estão.

(\$31FGJLMP)